

MONDIN, Batista. *Quem é Deus? Elementos de teologia filosófica*. [tradução José Maria de Almeida]
São Paulo, Paulus, 1997p.

Trata-se de uma reflexão procurando abordar a problemática de Deus de modo sistemático. Tem como ponto de partida o fenômeno do sagrado e da religião. Examina a realidade Deus, sua face, seus atributos, suas propriedades, suas ações, suas relações, suas obras.

A problemática sobre Deus é um tema perene e faz parte da própria essência do homem. Embora traga em si mesmo dificuldades para sua compreensão total, é porém, uma necessidade para o sentido da existência humana. Muitas ideologias procuraram a negação de Deus como o marxismo, o evolucionismo, o neopositivismo, o freudismo o existencialismo e o estruturalismo. Essas ideologias fundamentadas sobre a negação de Deus vão vacilando e a religião volta a despertar o interesse de muita gente.

Falar de Deus e sobre Deus é uma freqüência cada vez maior não apenas nas igrejas mas nas escolas, em casa e nos meios de comunicação social. Essa obra de Mondin procura encarar essa realidade pois com Deus está em jogo toda nossa existência, presente e futura, a compreensão do sentido de nossa vida, o projeto de humanização, os valores fundamentais de nossa realização. O autor aborda todos esses temas, valorizando a reflexão filosófica e teológica.

O livro possui cientificidade, organicidade, sendo escrito numa linguagem simples mas que aborda o essencial para quem quer tratar a problemática sobre Deus. Recomenda-se a obra principalmente para as faculdades de filosofia e de teologia, tanto para os alunos, como para os professores e também para os leigos que procuram aprofundar esse tema tão fundamental para nosso mundo hodierno. A obra é ainda indicada para quem se interessar pela problemática das religiões e das divindades.

O autor inseriu na parte final do livro um glossário que é muito útil para quem necessita de uma consulta sobre os pontos tratados.

Aconselhamos assim essa obra que é o complemento de outros livros do autor. Ajuda a confirmar na fé os que a possuem, auxilia a superar preconceitos dos que se acham afasta-

dos de Deus. Battista Mondin publicou através na Paulus Editora: *Antropologia teológica, Curso de filosofia* (três volumes), *Grandes teólogos do século XX* (dois volumes), *Introdução à filosofia: o homem, quem é ele?*.

P. Antonio Carlos de Oliveira Sousa

CONGAR, Cardeal Yves, *Igreja e papado: perspectivas históricas*. [tradução Marcelo Rouanet] São Paulo, Loyola, 1997, 349 p.

A maioria dos livros de teologia que se publicam no Brasil são ensaios: alguém tem uma hipótese possível, simpática e até capaz de fazer sensação e a lança em público para que outros possam gozar do prazer de ver pensamentos possíveis em letra de forma. São mais curiosidades que ciência teológica. Esse livro do maior dos teólogos do século que está terminando é como quase tudo o que ele escreveu pura ciência teológica: pesquisa que analisa fundo o passado, desbrava os vários ângulos em que foi vivida a realidade teológica por épocas características ou por autores proeminentes pela sua aceitação, compara argumentos, causas, efeitos, avalia as concordâncias, as diferenças e as contradições, e termina com uma síntese inovadora e imediatamente aplicável nos tempos de hoje nas necessidades pastorais urgentes.

Congar nunca teve medo de ser diferente, mas sempre foi coerente. O assunto é delicado: a Igreja e o papado no espaço de uma história de vinte séculos. Mas Congar não teve pressa: as reflexões foram se acumulando desde 1953, a mais antiga, até 1983, quanto ainda escrevia com frequência apesar de sua doença. Em prefácio curtíssimo o autor tem duas frases que caracterizam o trabalho: "*quando este livro for publicado, e se eu estiver neste mundo, já terei atingido os meus noventa anos... tenho consciência de que só irei interessar aos especialistas... artigos ... ainda são válidos* (p. 7).

Os assuntos são tão importantes que seu título arrepia. Começa com um estudo sobre a função papal como *patriarca* administrador da Igreja do *Ocidente* e como instrumento de união para a Igreja universal (p. 11-3). Escreve depois uma *história da mutável conjunção das duas dimensões da Igreja católica e da Católica Igreja de Roma* (p. 33-70). Descreve as distinções a que deve ser submetida uma expressão do *jus divinum* (71-88) como *a ambigüidade das falsas decretais* que receberam uma *recepção* e uma *influência no direito positivo* (89-101). A análise seguinte revê quatro momentos históricos do serviço papal: o lugar do papado na piedade eclesial dos reformadores do século XI (103-126), a eclesiologia de São Bernardo com suas distinções sobre a Igreja ministério, não domínio; poder, não propriedade; bispo amigo do esposo e não esposo (p. 127-206), *a Igreja e o Estado sob o reinado de São Luís*

(207-231), e o exame do sentido que em S. Tomás tem os vocábulos *Ecclesia* e *Populus (fidelis)* sobretudo se comparados a *christianitas* (p. 233-251). Os três últimos capítulos descrevem realidades conexas entre elas e que exprimem o mistério do povo fiel: a *recepção como realidade eclesiológica* onde a autoridade supera o poder (253-296), como se medem *as normas de fidelidade e de identidade cristãs ao longo da história da Igreja* com a notável conclusão onde se afirma: *se se quer pensar teologicamente a questão não é possível ater-se a um único critério ... nem à autoridade sem comunidade ... a plenitude da verdade está ligada ... à totalidade do ser cristão* (p. 312); termina-se o livro com um ótimo estudo buscando *uma história semântica do termo "magisterium"* seguido de um *breve histórico das formas do "magistério" e de suas relações com os doutores* (231-349).

Uma leitura desse livro permite compreender a reação da Igreja russa quando se recusa a participar de numa reunião ecumênica das Igrejas cristãs sem uma reflexão com horizontes mais largos na visão da unidade da Igreja e atende ao apelo do Papa João Paulo II que pede a ajuda dos teólogos para se expressarem em palavras mais felizes o lugar da união dos cristãos (*Ut unum sint* nº 96).¹

1. João Paulo II, Encíclica *Ut unum sint*. n. 96: *tarefa imensa que não podemos recusar, mas que sozinho não posso levar a bom termo. A comunhão real, embora imperfeita, que existe entre todos nós não poderia induzir os responsáveis eclesiais e os teólogos a instaurarem comigo, sobre esse argumento, um diálogo fraterno, paciente, no qual nos pudéssemos ouvir, pon-do de lado estêreis polémicas, tendo em mente apenas a vontade de Cristo para sua Igreja, deixando-nos penetrar do seu grito: "Que todos sejam um [...] para que o mundo creia que Tu Me enviaste" (Jo 17, 21).*

A tradução está primorosa. Há clareza e o texto português está muito próximo do texto original. Como defeito veríamos o uso de alguns nomes franceses que existem em português já tradicional como o nome Blanche (p. 225) para a mãe de São Luís que preferíamos traduzido por Branca; como é tradição, a abadia de Claravalo (p. 138) estaria melhor expresso como Claraval que é mais tradicional e é nome de uma cidade abacial de Minas Gerais; Clunia devia perder sua versão latina para ser Clyni mais português; estranhamos também a acentuação Ário (p. 257) pois parece mais tradicional a versão Ario.

P. Antonio Silva CSSR.

MORO, Celito, *A formação presbiteral*. Em comunhão para a comunhão: perspectivas para as casas de formação sacerdotal. Aparecida, Santuário, 1997, p. 463.

O livro é uma tese de doutorado defendida em 1994 na Academia Alfonsiana de Roma. O autor defende um estilo de formação sacerdotal que já praticou em larga escala: é uma tese tirada da vida do autor, sempre dedicado à formação (p. 24).

O estudo abrange dois temas: uma antropologia teológica da vida em comunhão e uma explicitação pedagógica da formação comunal na casa de formação. Uma parte teórica onde o ser humano é estudado em sua vivência face a face com seus

semelhantes. O modelo dos doze com Jesus está sempre presente em cada um dos 4 capítulos que a compõe. Passando rapidamente sobre a crise do padre sofrida pelos presbíteros depois do Vaticano II que exige uma revisão da *realidade social e eclesial com interpelação à comunhão*, o autor aceita o desafio assumindo a necessidade de se procurar um novo modelo nos métodos formativos onde se espelhe a comunhão.

A teologia da comunhão abrange a vida de toda a Igreja, a vida institucional do presbítero dentro de sua missão entre os outros ministros e com o povo irmão. Essa comunhão que o autor vê fundamental para uma realidade humana personalizada pela racionalidade, pela relacionalidade e pela transcendência que constituem a pessoa.

Como livro de práticas a segunda parte começa com a história da formação mas já entendida como formação em pequena comunidade inserida. Essa comunidade onde a pessoa se forma pessoalmente, dentro de relações primárias profundas. O capítulo sexto mostra essa formação no meio do povo que compreendido pela inserção e que ensina o dinamismo humano afetivo pelo treino diário para uma estruturação individual escolhida e praticada em todos os níveis.

O capítulo seguinte dimensiona a espiritualidade do relacionamento eclesial com Deus no futuro presbítero que age como irmão amante e amado dos pares e do povo. Amado, cresce na fé, explícita o capítulo seguinte, colocando o estudo da teologia não no abstrato da obrigação mas no concreto do serviço, do povo e da pastoral. Esta última tem também seu desenvolvimento teórico prático quando se torna uma necessidade do horizonte missionário.

O livro é interessante. A bibliografia final que apresenta permite continuar o estudo e aprofundar sobretudo o fundamento teológico da tese. A lista dos documentos eclesiásticos que foram consultados para se fazer o estudo é impressionante. Citam-se os documentos do papa, os do Concílio, as Congregações romanas, os Sínodos episcopais e a CNBB. Mas esses documentos não são apenas elencados, eles constituem o cerne de todo o estudo, fazendo do livro uma rede de citações das autoridades eclesiásticas. A experiência do autor permite a ele manter a relação com a realidade apesar das citações que poderiam conduzir ao abstrato.

Quem faz experiência semelhante vai encontrar um guia para agir com racionalidade experimentada e aprovada. No entanto nem sempre é fácil passar do ideal ao trabalho positivo. Há muita aprovação para situações que parecem bem fundamentadas mas que na estruturação de personalidades tão diversificadas e contrastantes criam ambientes difíceis para um controle educador mais satisfatório. Conviver com pessoas patologicamente frágeis num relacionamento tão próximo, cria

tensões nem sempre são suportáveis durante tanto tempo de formação e que muitas vezes dificultam também o trabalho com o povo mais numeroso e mais variado como massa maior e muito pluralista que vai enfrentar o presbítero na vida do dia a dia. Será uma questão de discernimento dentro da possibilidade de outras comunhões sobretudo em ambientes urbanos onde o face a face muitas vezes se transforma num desejo de isolamento como defesa contra a dispersão, as distâncias reais e a força das pressões sociais.

O livro constrói-se com uma teologia onde as fontes fundamentais são as autoridades no poder. Suas manifestações pessoais ou provisórias recebem um valor superior talvez ao que elas mesmas gostariam que lhes fosse dado. São muitas vezes expressão de um entusiasmo oratório ou uma exortação emotiva de espiritualidade que certamente não tem a mesma responsabilidade que uma reflexão definida e precisa nem mesmo a manifestação prudente de determinação historicamente defensável mas provisória no tempo e no espaço diante de circunstâncias especiais. Nessa teologia talvez dever-se-ia fazer maior uso do conselho da sabedoria do princípio que *os autores valem não enquanto se somam numericamente mas enquanto se pode pesar o que dizem.*

P. Antonio Silva CSSR

DUSSEL, Henrique. *Oito ensaios sobre a cultura latino-americana e libertação.* [tradução Sandra Trabucco Valenzuela]. São Paulo, Paulinas, 1997, 231 p. (Atualidades em diálogo)

Um livro que pensa a cultura e a explica de maneira filosófica clara e com exemplos para a nossa convivência latino-americana. Um escrito que tem uma teoria clara e coerente. Não enrola e não se perde em vai e vens repletos de imprecisão e contradições. O autor fez uma opção pessoal pela sua cultura, chegou a compará-la sem complexos com outras, teve condições pessoais e sociais de definir-se por ela e com isso explica o que compreendeu e empreendeu sem constrangimentos e sem temores.

Os escritos abrangem várias épocas de sua vida. Mas são todos coerentes e foram produzidos por um caráter estável: sabe onde começou, qual caminho percorreu e porque hoje se acha seguro dos caminhos que trilhou e das conclusões a que chegou. Interessante o capítulo segundo cujo título é: *Cultura, cultura latino-americana e cultura nacional.* A situação cultural é examinada em ângulos que poderiam ser contraditórios se não fossem vistos em sua dialética: uma realidade não se reduz para que possa ser abstratamente uniforme; a cultura é vida e toda vida é mudança permanente e permanência constante.

Muito ricos os últimos capítulos onde são tratados problemas complexos e quase sempre implicados uns nos outros: a cultura, o povo simples, a revolução e a libertação. Quando elas estão realmente juntas? quando o modelo de uma delas pode tornar as outras impossíveis ou falsas?

O autor é um filósofo da religião. Não sabe falar de sua região (a América Latina), em sua nação (a Argentina) sem contemplar a religião como manifestação da cultura de seu grupo étnico. Não esquece do passado que implicou uma conquista e uma mestiçagem ela mesma atropelada pelos "oriundi" do século passado e deste século. Há um choque cultural entre as gerações de índios, mestiços e imigrantes que hoje convivem em nosso solo. Como ter nossa cultura quando não temos uniformidade?

As perguntas se sucedem e vão encontrando respostas compreensíveis e propostas de convivência mais rica e mais estruturadas sem diminuir a liberdade e o diálogo. Outro livro delicioso do escritor argentino, muitas vezes original demais para ser seguido com comodidade, mas nesse livro, comedido e sábio. Uma leitura que se faz com sede e que termina-se com satisfação.

Tradução por quem conhece as duas línguas. A correção e a revisão foram excelentes. Entretanto achamos que a apresentação gráfica não é feliz. É cansativa. Faltam contrastes entre os títulos e o texto corrido assim como deste para com as notas. Não é boa também a escolha de pôr o número do capítulo em cada sub-título: isso aumenta as numerações e diminui a clareza das divisões. Uma coisa nos deixou curioso: o título espanhol do livro é "*Nueve ensayos*" e o português é "*Oito ensaios*" e realmente contam-se oito capítulos. Teriam os editores eliminado uma parte? Por que o teriam feito? Ficam aí as perguntas de quem sentia o sabor de "quero mais".

P. Antonio Silva CSSR